

Um espaço de recordação: o Fundo Sérgio Buarque de Holanda na Unicamp**Rafael Pereira da SILVA***

Resumo: Sérgio Buarque de Holanda dispensa apresentação. Todavia, sua trajetória intelectual e biográfica sempre foi contada por um viés linear e quase sempre celebrativo. Buscando fugir desse lugar comum, o presente artigo visa refletir sobre a história dessa personagem pela perspectiva da memória e de um dos lugares em que ela foi inscrita e propagada, o arquivo. Para tanto, o texto descreve como se deu a montagem “a várias mãos” do Fundo Sérgio Buarque de Holanda, localizado no Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) para, em seguida, demonstrar como, do ponto de vista institucional, a memória histórica do titular foi sustentada.

Palavras-chave: Arquivo. Memória. Sérgio Buarque de Holanda.

Place to remind: the archive of Sérgio Buarque de Holanda at Unicamp

Abstract: Sérgio Buarque de Holanda needs no introduction. Nevertheless, his intellectual and biographic trajectory were always narrated by a linear bias and frequently celebratory. Aiming to get away this common place, this article seeks to reflect on the history of Sérgio Buarque de Holanda from the perspective of memory and one of the places in which it was inserted into and propagated from, the archive. Therefore, the paper describes how a many hands job took place in order to assembly Sérgio Buarque de Holanda’s archive group, located at the Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Thereafter, we argue on how Holanda’s historic memory was sustained from an institutional point of view.

Keywords: Archive. Memory. Sérgio Buarque de Holanda.

1 Introdução

Hoje, grande parte das pesquisas sobre Sérgio Buarque se valem de seu papelório. Todavia, são estudos constituídos dentro de uma concepção na qual esses papéis acumulados seriam uma espécie de “repositório de provas”, possibilitando aos

* Professor Doutor – Bolsista do Programa de Pós-Doutorado Júnior (FAP-DF/FINATEC) junto ao Programa de Pós-graduação em História – Universidade de Brasília (UnB, Brasília, Brasil). Campus Universitário Darcy Ribeiro| CEP 70910-900| Brasília-DF.

investigadores tecerem narrativas e análises sobre ele e sobre sua obra. Vistos nessa chave, os arquivos pessoais, como objetos, tendem a ocupar um lugar periférico nas análises interessadas na construção social dos arquivos, já que existe uma tendência em associá-los à “memória individual”, a interpretá-los unicamente como acúmulos que documentam as atividades do titular ou revelam dimensões de sua personalidade. Esse tipo de abordagem obscurece o caráter de múltiplas interferências, que de outro ponto de vista, nos indicam a ideia de que esses arquivos são constituídos a várias mãos (HEYMANN, 2013, p. 69).¹

De maneira geral, o interesse pelos arquivos no campo das Ciências Humanas é tributário de reflexões que tiveram início no princípio da década de 1990, nas áreas da Filosofia, dos Estudos Culturais e da Antropologia. De “repositório de provas” que permitiriam conhecer o passado, essas reflexões passaram a olhar os arquivos como parte do processo de construção de discursos e de consolidação de memórias sobre certo passado em disputa, ou seja, o arquivo passa a ser uma instância na qual e pela qual se constroem “fatos” e “verdades”.

Parece-nos consensual, nessa perspectiva, a importância central que tiveram os já consagrados trabalhos de Jacques Derrida (2001) e Michel Foucault (2008), cujos textos instituíram o arquivo como metáfora do cruzamento entre memória, saber e poder; como constructo político que produz e controla a informação, orientando a lembrança e o esquecimento; ou, de forma mais direta, como a lei do que pode ser dito. Daí sugerimos que o Fundo Sérgio Buarque de Holanda, concebido por uma pluralidade de atores, pode atestar, do ponto de vista da memória, a versão que o titular esboçou de si mesmo.

Com base nessas constatações, o objetivo central do artigo é descrever como se deu a montagem do “Fundo Sérgio Buarque de Holanda”, localizado no Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e, com base nesse processo, trazer à tona alguns elementos para demonstrar como, do ponto de vista institucional, a memória histórica do titular foi sustentada.

2 A gênese

Os documentos do acervo pessoal de Sérgio que deram origem ao Fundo Privado – manuscritos de produção científica original, poucas correspondências ativas e passivas, alguns cadernos de anotações de pesquisa, microfimes de documentação inédita provenientes de arquivos brasileiros e estrangeiros, exemplares de teses não publicadas – começaram a ser reunidos pela “Divisão de Documentação” da Unicamp e tratados por volta do final de 1984 e início de 1985 (VIDAL, 2007, p. 6).²

Ao longo dos anos, outros papéis passaram a ser incorporados pela viúva de Sérgio, D. Maria Amélia. Em algumas ocasiões, maços de documentos eram entregues em mãos a enviados da Unicamp, em outras, eram pessoas de confiança da viúva que se dirigiam até a universidade para levar os documentos.

Participe direta dessa história, Neire Rossio relembra que o contato com a esposa de Sérgio se deu em 1984, por intermédio do músico João Bosco. Na época, o compositor estava em Campinas para um show promovido pelo “Diretório Central dos Estudantes” e recebeu de Neire um bilhete que deveria ser entregue por ele a Chico Buarque. A mensagem dizia respeito ao acervo de Sérgio. Não sabemos outros detalhes, mas o bilhete chegou às mãos de Maria Amélia, que pouco depois foi a Campinas trazendo consigo a primeira pasta com alguns documentos selecionados, obviamente resultantes de um amplo “processo de seleção” daquilo que poderia e/ou deveria se tornar público, com a clara finalidade de instituir uma narrativa oficial sobre a memória do marido (ASSMANN, 2011, p. 370).³

Se comparado ao acervo de outros intelectuais ou homens públicos, o de Sérgio Buarque não é monumental, embora revele alguma fixação do titular no acúmulo sistemático de papéis, porém muito diferente, por exemplo, de um Mário de Andrade com o seu gigantismo epistolar (MORAES, 2007), um Darcy Ribeiro com os seus documentos de trabalho e diários (HEYMANN, 2012), de um Pedro Nava memorialista (PIOVESAN, 2009) ou ainda de Paulo Duarte (ROSSIO, 2012), que chegou a guardar um capacete do tempo da Revolta Paulista de 1932.⁴

Segundo D. Maria Amélia, Sérgio tinha uma dinâmica própria de autoarquivamento. Sua biblioteca, por exemplo, era uma “bagunça”, mas organizada de acordo com sua própria lógica de recuperação e interesse. Os seus documentos pessoais eram mantidos em pastas, caixas e gavetas sem quaisquer critérios rigorosos de organização e indexação e seguiam certa “ordem natural” de interesses de acordo com cada época de sua trajetória. Muitas cartas, por exemplo, foram encontradas dentro de livros por bibliotecários da Unicamp que as remetiam ao Arquivo (BUARQUE, 2014, p. 8-10).⁵

Pensando numa expectativa futura, no legado de seu trabalho e numa eventual autobiografia como historiador e crítico, a suposta “bagunça” imposta pelo arquivista não teria o intuito de incentivar naqueles que mais tarde encontrassem esses papéis, a participação num jogo de adivinhações, gerando nesses pesquisadores a surpresa em revelar cada um desses enigmas e ativando, no trato com outros rastros, a composição de um “mosaico de si”? (ARTIÈRES, 2013, p. 45-54).⁶

A última remessa de papéis feita por Maria Amélia ocorreu em 2004. Nessa época, o Fundo já contava com mais de 2 mil documentos em diversos idiomas, incluindo certidões,

fotografias, cartões pessoais, postais, medalhas de honrarias, correspondências, originais de textos, cadernos de pesquisa, textos escritos por Sérgio em diversos jornais e revistas no Brasil e no exterior, cópias de documentos de arquivos visitados, dossiês (Centro Brasil Democrático, Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, Prudente de Moraes, neto, Museu de Arte Moderna - MAM), resenhas sobre as suas obras, entre outros.

Remessas posteriores ainda foram feitas, todavia, constituíam-se em produtos de pesquisadores recebidos por Maria Amélia ou matérias de jornal e revista que ela mesmo colecionava, em geral textos celebrativos sobre a vida e a obra do marido, portanto, documentos que compõem o seu Fundo Privado institucional, mas que não são originários de seu acervo pessoal.

Dadas as características de movimento desse arquivo, Neire Rossio o definiu como um “fundo aberto”, já que o trabalho de catalogação se deu ao longo de mais de uma década, demandando da equipe arquivística constantes “(re)fazimentos” (HEYMANN, 2012). Com o falecimento de D. Maria Amélia, já centenária em 2010, o fundo pôde, enfim, ser considerado fechado.

3 A construção da autoimagem

A característica de movimento desse tipo de arquivo foi estudada por Miguel Palmeira ao se debruçar sobre o legado do historiador da Antiguidade, Moses Finley. Para esse autor, a criação de um arquivo pessoal e os seus deslocamentos lançam luz sobre as energias sociais consumidas no processo de constituição e preservação desse acervo, energias que somente poderiam ser canalizadas em razão de um capital simbólico expressivo, previamente acumulado pelo titular. Por essa perspectiva, alguém como Sérgio Buarque “mereceria” ser reproduzido em arquivo não apenas porque nele se reconhece um historiador e crítico importante, mas porque se entende que essa importância tem sua perpetuação favorecida pela organização de um arquivo pessoal.

O que estaria em jogo, segundo Palmeira, é a administração de um patrimônio intelectual que não diz respeito somente ao morto, mas fundamentalmente às pessoas e às instituições associadas a seu legado. O arquivo, em outras palavras, reteria a marca dos interesses, dos valores e das estratégias de consagração dos grupos sociais a que se refere e elabora uma atividade de simbolização mediante a qual certos grupos manifestam sua existência material, política e intelectual (PALMEIRA, 2013, p. 95-96).

O caminho trilhado por Palmeira vai ao encontro daquilo que pensamos para esse artigo, ou seja, que há um princípio e um efeito de sacralização do indivíduo na constituição de um arquivo pessoal com amparo institucional. Assim, podemos afirmar que a inscrição de

um conjunto documental heterogêneo sob uma categoria que leva o nome de seu titular, seja ele quem for, opera um recorte do registro de atividades intelectuais que se ajusta facilmente à voga de restringir as forças atuantes no mundo acadêmico às ações isoladas de alguns notáveis (PALMEIRA, 2013, p. 95-96).

Nessa perspectiva procede o fato de que a não observação da dimensão de poder investida na forma “arquivo pessoal” poderia levar os historiadores da Historiografia (e das Ciências Sociais, etc.) a relegar, como no passado, os historiadores de “segundo time” ao limbo do esquecimento ou às trevas. Um desvio em relação a uma linha evolutiva preestabelecida – o que atenderá às necessidades de uma axiologia da profissão, mas não as de uma compreensão histórica das práticas dos historiadores nos debates do tempo (PALMEIRA, 2013, p. 95-96).

Desse modo, mesmo que alguns biógrafos de Sérgio sugiram que ele não estivesse lá muito preocupado em construir uma autoimagem, o discurso histórico que emerge de seu arquivo pode ser lido como o produto de ações que envolveram ele próprio, sua família, seus pares, a instituição detentora de seu legado e estudiosos, que a partir de certa elaboração do passado feita de maneira póstuma, contribuiram para a transmissão de uma dada memória às futuras gerações.

Caso contrário, o intelectual, nos seus últimos anos de vida, não teria concedido entrevistas (MARTINS, 2009)⁷ “contando-se”, não ditaria os seus “apontamentos biográficos” para a esposa, não revisaria alguns de seus livros, postumamente publicados como restaram-nos datilografados, não vetaria a publicação de um outro ainda hoje inédito e nem escreveria as suas autobiografias “Tentativas de Mitologia”, agraciadas com o Prêmio “Juca Pato” da União Brasileira de Escritores.⁸

Um conjunto intencional de indícios, por conseguinte, que auxiliou na organização do seu “mosaico” e que serviu de matriz para muitas narrativas posteriores que o consagraram. Dito de outra maneira, Sérgio Buarque foi uma personagem que se “moldou como o couro”, para usar uma expressão sua, e que soube com inteligência e êxito sobreviver aos “movediços” campos intelectual e institucional brasileiros durante toda a sua trajetória, somando quantias consideráveis à totalidade da figura intelectual exemplar que restou à posteridade.

A organização das entrevistas, tal como está exposta no arquivo, mostra bons indícios dessa prática de contar-se. Observando a fase em que Sérgio Buarque trabalhou na USP, entre o final da década de 1950, quando foi aprovado no concurso de cátedra até o final da década seguinte, quando se aposentou em 1969, constatamos que não há indicação de que ele tenha concedido entrevistas a jornais ou revistas. Entre 1970 e 1975 há apenas

uma indicação, ao passo que entre 1976 e 1982, ano de sua morte, contamos 17 depoimentos.

À chamada imprensa diária, Sérgio Buarque falou aos gravadores e repórteres do “Jornal do Brasil”, “Folha de S. Paulo”, “Última Hora”, “Jornal da Semana”, “Diário do Grande ABC”, além das semanais “Veja”, “Isto É” e “Manchete”. No âmbito acadêmico há um famoso depoimento concedido ao amigo Richard Graham, publicado em 1982 na “The Hispanic American Historical Review”, que muitos acharam ser a derradeira. Todavia, um bilhete de punho de Maria Amélia, localizado no arquivo, nos informa que a última conversa que o marido teve com um jornalista foi publicada na “Folha Ilustrada” da “Folha de S. Paulo”, no dia 14 de fevereiro de 1982, e junto com ela a sua última foto.⁹

Mais de um autor já apontou que essas práticas de produção de si compreendem um diversificado conjunto de ações, desde as mais diretas como a escrita autobiográfica ou de diários íntimos ou aquelas constitutivas de uma autoimagem, realizadas pelo recolhimento de objetos materiais com ou sem a intenção do indivíduo em formar coleção.

Pode ser o caso de pinturas que retratam a intimidade de famosos ou anônimos, das fotografias, dos cartões-postais ou das correspondências e de outros objetos ordinários como canetas, blocos de notas, bibliotecas, mobiliários, medalhas, insígnias, diplomas, tudo aquilo que passa a povoar e a transformar a privacidade da casa ou do escritório em uma “cenificação da memória”. Em suma, espaços cujos registros encontrados materializam a história do indivíduo e dos grupos a que pertenceu, num processo de musealização da própria vida .

Das possíveis narrativas que emergem do baú de memórias de Sérgio, podemos vislumbrar duas figuras: a do “homem público”, até então envolto em diferentes projetos educacionais, da direção do Museu Paulista à docência, passando pela direção da “Coleção História Geral da Civilização Brasileira” e trilhando os labirintos da burocracia universitária dos conturbados anos de ditadura e outra, do “homem de família”, recolhido no aconchego do lar, cercado de parentes e amigos.

Abrindo o álbum de sua vida, o vemos ainda criança posando nos estúdios do Foto Rizzo ou na antiga casa dos pais na rua Piauí, ambos em São Paulo, para em seguida desvendarmos sua trajetória intelectual desde os tempos do modernismo até a maturidade historiadora, sempre rodeado de figuras de peso, como Mário de Andrade, Prudente de Moraes, neto, Ribeiro Couto, Blaise Cendrars, Caio Prado Júnior, Otávio Tarquínio de Sousa, Manuel Bandeira, Múcio Leão, Lucien Febvre, Vinícius de Moraes, Vitorino Magalhães Godinho, Maria Yeda Linhares, entre outros.

Também acompanhamos suas viagens a países como Alemanha, Itália, França, Estados Unidos, Suíça, passeamos com ele pelas ruas cariocas, berlinenses e paulistanas,

até chegarmos ao período da aposentadoria e às cenas da vida doméstica, quando já se tornara “pai do Chico”.

Sobre fotografias arquivadas, um autor reflete que as percorrer é como mergulhar nos registros da memória familiar. Elas são, nesse sentido, um recurso eminentemente moderno que possibilita a conservação e permanência de uma continuidade visual do passado familiar. Resistindo à aceleração do tempo, esses registros proporcionam uma orientação para a memória num contexto que tende a ser fragmentário e dispersivo. Por meio das poses e instantâneos que contribuem para a fixação da autoimagem de indivíduos e grupos familiares, podemos acompanhar os registros de alguns ritos da vida privada, de alguns padrões de sociabilidade (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 457).

Assim, ao abrir um álbum podemos imaginar como seria a tarde de conversas com Sérgio Buarque na varanda de casa, regada a uísque e cigarros, sua afetividade ao lado dos netos, a alegria à mesa em dias de aniversário ou deixando-se fotografar nos jardins da residência com a família toda. Também podemos subir as escadas de madeira escura de sua casa e chegar ao seu caótico escritório, de onde a claridade do sol perpassa sem dificuldade duas janelas amplas, uma delas com vistas para o jardim. Dentro dele, prateleiras repletas de livros, uns valiosos, outros nem tanto, inúmeros papéis e rascunhos de anotações espalhados, poltrona para leituras, a máquina de escrever. Esse pequeno museu da posteridade, àquela altura aberto apenas para uns poucos, foi nos idos de 1972 descrito da seguinte forma pelo jornalista Jorge Andrade:

Nas estantes, entre livros, microfimes de toda a correspondência dos representantes diplomáticos americanos no Brasil de 1809 a 1906. Sobre uma mesa, um vigor grande de microfimes. Esparramados entre os livros – como num bric-à-brac –, vidros de colírio Moura Brasil, envelopes de Engov, lápis, adesivos, cinzeiros, um vidro de Agarol, Sonrisal, fósforos, latas de leite em pó, garrafas de uísque, remédios para dormir e outros para o manter acordado. (WEGNER, 2008, p. 495).

As fotografias contidas nos arquivos públicos e privados só recentemente foram estudadas de maneira mais consistente, já que há nesse tipo de acervo o predomínio dos documentos escritos. Ainda hoje, como aponta um estudo, se discute se as fotografias deveriam ser concebidas como documentos de arquivo, considerando que sua forma de constituição estaria mais próxima dos itens de coleção.

Grosso modo, os materiais visuais são tradicionalmente vistos como autorreferentes, imagens de “alguma coisa”, sem conexão clara com o restante do arquivo, com a entidade produtora e responsável pela existência do conjunto. A hegemonia do valor factual, de acordo com Aline Lopes de Lacerda, determina o tratamento a elas aplicado e, a despeito

do tipo de acervo que se tenha em mãos, os esforços para a identificação, a descrição dos materiais são sempre direcionados para fotos, pessoas, lugares e épocas retratadas (LACERDA, 2013, p. 58).

Essa forma de tratamento é observada na composição do Fundo Sérgio Buarque de Holanda. Elencadas na Série Vida Pessoal, esse conjunto, mesmo não separado do restante dos documentos escritos, tem o claro intuito de dar materialidade a um esforço biográfico, deixando de lado, por exemplo, questões referentes à função original para a qual esses documentos foram produzidos. Em outras palavras, ao mapear, indicar, localizar, inscrever, datar e descrever lugares, momentos e personagens, num intenso trabalho de memória, D. Maria Amélia reconstruiu histórias e atribuiu sentidos e significados a eventos que sustentam a autoimagem e a memória do marido, garantindo, pelo acervo visual, a naturalidade testemunhal necessária à versão oficial que se queria para a posteridade.

Outras práticas de autoarquivamento podem ser vistas na Série Correspondências. Nesse caso, indagamos por que mesmo “desinteressado” de uma “construção de si”, o intelectual teria se ocupado, ao longo de décadas, na manutenção de papéis com grande valor simbólico, como as cartas modernistas que recebeu de Mário de Andrade (MONTEIRO, 2012), Manuel Bandeira, outras de historiadores importantes como Lucien Febvre, Fernand Braudel, Richard Morse, Thomas Skidmore, Lewis Hanke ou de amigos bem próximos e não menos célebres como Antonio Candido, Octávio Tarquínio de Sousa, Rodrigo Melo de Franco Andrade, Rubens Borba de Moraes, Vinícius de Moraes, entre outros?

Sabemos que não foram poucas vezes que os carteiros tiveram que se dirigir à Avenida Atlântica, esquina com a Ronald de Carvalho, no Rio de Janeiro, à Via San Marino, 12, apartamento 2, em Roma ou à Rua Bury, 35 no Pacaembú em São Paulo, entre outros endereços, procurando por um tal Dr. Sérgio Buarque de Holanda, às vezes grafado como “Hollanda”, para lhe entregar pacotes com encomendas de livros, bilhetes, postais ou cartas. Imagina-se que o intelectual fosse constantemente interrompido em seus afazeres sempre que o sino da campanha anunciava mais uma entrega, em muitos casos recebidas primeiramente por D. Maria Amélia.

Não raras também eram as cartas que faziam menção à família toda, nos dando a certeza de que os Buarque de Holanda viviam na mais completa harmonia, como visto nas despedidas, em que os amigos enviavam as mais cordiais saudações de lembranças e saudades, a exemplo desta, recebida por Sérgio em 16 de agosto de 1959: “Na espera da sua resposta, aqui fico, recomendando-me muito a Maria Amélia, afilhada e demais rebentos, e mandando a você um forte abraço, mais admirativo depois da espinafra na competente canalha corruptora. Antonio Candido”.¹⁰

As cartas recebidas por Sérgio vinham de muitos lugares. Às vezes de pertinho, da mesma cidade em que residia; por outras de bem longe, como Buenos Aires, Santiago, Viena, Sevilha, Paris, Avignon, Chicago, Londres, Roma, Siena, Belgrado, Lisboa, Bourg-la-Reine, Genebra e tantos outros, indicando o ímpeto cosmopolita do historiador. Índícios razoáveis para pensarmos que o historiador quis legar à posteridade “[...] um pequeno museu para o resto do mundo.” (GAGNEBIN, 2002, p.133), além de consolidar a “autoimagem” de “mestre”, atribuída e amplamente divulgada por seus fiéis discípulos (WAQUET, 2010).

Sérgio recebia muito mais cartas do que as enviava,¹¹ como podemos observar na leitura de seu inventário ou de algumas cartas em que o remetente cobrava notícias suas, dizendo que só as tinha por terceiros, lembrando da última vez em que se falaram por telefone ou que lhe pediam agilidade nas opiniões de temas de trabalho e na entrega de textos que envolviam prazos. Sabiam eles que as respostas poderiam demorar um bocado. É o que lemos, por exemplo, numa correspondência de Luís da Câmara Cascudo, datada de 20 de maio de 1953, enviada de Natal, época em que Sérgio encontrava-se como adido cultural em Roma.

Nela o intelectual potiguar “obsequiava” do amigo um pequeno texto sobre o “desconhecido Príncipe Adalberto da Prússia”, que havia publicado um livro chamado “Minha viagem ao Brasil” para inserir na sua “Antologia do folclore brasileiro”, segundo volume: “Agradeceria muitíssimo a gentileza de uma sua resposta urgente porque o trabalho fica interrompido até que tenha uma sua decisão. Com todos os votos de felicidade e os antecipados agradecimentos do velho e fiel admirador e confrade”.¹²

Prática comum no meio intelectual brasileiro da primeira metade do século XX, as correspondências tornaram-se, na última década, objetos/fontes privilegiados de pesquisas nas mais diversas áreas, entre as quais a história e a crítica literária. Nesse sentido, cada vez mais comuns são as publicações de coletâneas de cartas que, junto com os diários, as biografias e autobiografias, ganham cada vez mais espaço nas vitrines das livrarias, movimentando o mercado editorial e, ao mesmo tempo, aguçando a curiosidade e a imaginação dos pesquisadores e dos leitores comuns.

Por não serem simples fontes de informação, as correspondências constituem um tipo específico de escrita própria, bem como os diários, as biografias, as autobiografias, os arquivos pessoais e as memórias. São registros produzidos no âmbito do privado que podem revelar vestígios de trajetórias de vida, de redes de sociabilidade intelectual e política, de personagens importantes ou de anônimos. E fornecer subsídios para uma história das práticas culturais que, na última década do século XX, passou a reconhecer

novos objetos, fontes, metodologias e critérios de verdade histórica (GOMES, 2004, p.13-14).

No que envolve a criação de uma cultura epistolar, o século XIX pode ser visto como o século das correspondências. Para alguns estudiosos, o hábito epistolar difundiu-se por diversas camadas sociais, tanto na Europa como na América e a escrita de cartas – que podiam ser de amizade, amor, familiares, pedidos, recomendações, trabalho, conselhos, censura, queixas, louvor, agradecimentos, etc. – buscava satisfazer o ímpeto de intimidade e privacidade que acompanhava o estabelecimento da ordem burguesa no Ocidente (MALATIAN, 2009).

Reveladoras, sobretudo, de fragmentos da vida íntima dos interlocutores, de momentos perdidos no tempo após a sua composição, as cartas sempre suscitaram, em seus autores ou destinatários, sentimentos ambivalentes de desejo de preservação ou de destruição. Desse modo, o desejo de salvar vestígios de vidas, de laços estabelecidos, de afetos experimentados permitiu que elas sobrevivessem silenciosas em arquivos pessoais, muitos deles hoje abertos ao público.

Se por um lado as fontes epistolares demonstram-se verdadeiros “tesouros” ao gosto dos pesquisadores, por outro uma análise mais acurada desse tipo de documento impõe, em geral, certos cuidados de rigor metodológico, em especial quando personagens ilustres, intelectuais, políticos, celebridades passam a ser o foco da devassa e objeto de debates promovidos por jornalistas, historiadores, ensaístas, literatos e curiosos, dentro ou fora do espaço acadêmico. Nesse sentido, uma autora chama especial atenção para o fato de que a dificuldade é proporcional à relevância social, política ou cultural do correspondente em pauta, pois, no caso de figuras públicas, torna-se mais difícil o trato com a quantidade e a dispersão dos conjuntos documentais a serem reunidos, além de ocorrer um confronto com a imagem do indivíduo já construída e consolidada pela memória e pela História (MALATIAN, 2009).

No que foi exposto, é importante ressaltar a fragmentação desse tipo de fonte/objeto. Não raro, as cartas se inserem nos arquivos como séries documentais dispersas, pois, quando chegam ao pesquisador, tanto podem ter sofrido uma seleção prévia por parte da família ou donatários que têm por interesse a conservação de uma memória oficial do correspondente ou terem sofrido restrições por parte do próprio autor que, por motivos variados, não guardava as cópias das cartas que enviava, tampouco todas as que recebia. Por esses motivos, muitos diálogos epistolares sofrem espaçamentos temporais ou tornam-se unilaterais, devendo o historiador tentar complementá-los com outras fontes.

Em síntese, antes de se tornarem publicáveis ou comporem arquivos institucionais abertos à curiosidade da pesquisa, as cartas, vistas como exemplo, assim como os demais

papéis do titular, passam por um criterioso processo de escolha, seleção, que podem envolver familiares, no caso daqueles que já partiram, os próprios envolvidos quando vivos ou ainda regras arquivísticas específicas provenientes de cada instituição acolhedora, numa dinâmica de triagem daquilo que vai ser preservado e do que será apagado, descartado, conduzindo, assim, à escrita de uma memória que restará no tempo, ato político de construção de si ou do outro que cabe ao pesquisador atento decifrar.

4 A várias mãos: a constituição de um Fundo Pessoal

Maria Amélia foi uma das principais memorialistas do marido. Atuando nos bastidores, foi ela quem primeiro se preocupou com os “jogos de passado e de futuro”; em outros termos, com atos de lembrança e esquecimento, já que conhecia de perto a dinâmica de trabalho de Sérgio. Ela costumava acompanhá-lo, por exemplo, em pesquisas de campo, chegando a dirigir o Fusca da família de São Paulo a Cuiabá, sendo responsável por copiar passagens inteiras de documentos que o historiador encontrava em arquivos visitados e, também, pela datilografia de muitos de seus escritos.

A viúva, por exemplo, tinha o hábito de ter conversas constantes com amigos próximos da família toda vez que a memória de Sérgio era evocada. Foi assim quando participou ativamente da montagem de exposições fotográficas para as “Semanas Sérgio Buarque de Holanda”¹³ e “Sérgio, o Renovador”¹⁴ ou quando confiou a José Sebastião Witter, ex-orientando e assistente do marido na USP, os manuscritos de “O Extremo Oeste”, seu último livro. Inacabado, o texto original foi profundamente revisado por Witter, vindo a público somente em 1986, pela editora Brasiliense e contando com uma cerimônia de lançamento. No Fundo há alguns documentos a respeito dessa obra, como os originais entregues posteriormente pela família à Unicamp.

Originais também foram entregues por Cecília Buarque a Francisco de Assis Barbosa, que em 1988 organizou em parceria com Antonio Candido, um livro inédito com os chamados “textos de aprendizado” do irmão, artigos que ele publicou simultaneamente em “O Jornal” e no “Diário de Notícias” quando morou na Alemanha (BARBOSA, 1988).¹⁵ Cecília juntou atenciosamente cada um desses artigos, tendo o cuidado de localizá-los nas páginas dos jornais, recortá-los e depois colá-los em um caderno grande de capa dura, inscrevendo no tempo os momentos importantes da vida do irmão, demonstrando por meio desse gesto, a preocupação da família com a organização e a guarda da memória de um intelectual em ascensão.

A mesma sorte já não teve a tese de mestrado do historiador, defendida em 1957 na “Escola Livre de Sociologia e Política”. O inédito foi encontrado nos arquivos da Unicamp

pelo professor Dr. Edgar de Decca, quando este organizava pesquisa para as celebrações do centenário de nascimento de Sérgio, em 2002.

“Elementos Formadores da Sociedade Portuguesa na Época dos Descobrimentos”, título da dissertação, teve a publicação vetada por Maria Amélia, seguindo recomendações expressas do marido, que segundo consta, jamais quis a circulação desse trabalho.¹⁶ Uma atitude clara de apagamento dos rastros e que incide diretamente sobre o ofício de muitos historiadores. Num país de dimensões continentais e de contrastes materiais visíveis, a consulta *in loco* na Unicamp da única cópia disponível do material, como quis a família, relega à margem desse silêncio um sem número de pesquisadores interessados na compreensão da interpretação do Brasil feita por Sérgio.¹⁷

A publicação desse estudo seria uma demonstração de “política da justa memória” (RICOEUR, 2007, p. 17)¹⁸, porque sua importância para além do ineditismo, até mesmo como um texto literário nunca explorado, se deve ao fato de ser uma peça importante no pensamento histórico de Sérgio, materializado em 1936, com “Raízes do Brasil” e ampliado até 1958, com “Visão do Paraíso”, que aliás lhe deve um pedaço (NICODEMO, 2008).

Agora, passamos ao último ponto do artigo, o que trata do papel da equipe arquivística na constituição desse Fundo, a última das várias mãos a que nos referimos. O Fundo em questão se formou durante o processo de reestruturação institucional em curso na Unicamp, que formalizou, entre outros órgãos, o Arquivo Central. O modelo adotado pela instituição resultou de uma política de valorização e formação de seus quadros internos de pessoal, posta em prática por meio de uma série de intercâmbios e estágios de formação em importantes centros de referência no país.

A partir dos apontamentos de Neire Rossio é possível acompanharmos as principais influências recebidas pela equipe arquivística na elaboração narrativa desse Fundo. Ela lembra que o primeiro estágio que fez foi realizado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) sob a tutela de Heloisa Liberalli Bellotto, professora da USP e, na época, responsável pelo arquivo do órgão. Durante a sua passagem, além do contato com arquivos pessoais, conheceu os principais teóricos do campo arquivístico de então, tais como o americano Theodore Schelleberg, os canadenses Carol Couture, Jean-Yves Rousseau e as espanholas Vicenta Córtes Alonso e Heredia Herrera.

Em seguida realizou estágios no Arquivo Público Municipal de São Paulo, onde conheceu as discussões e a minuta do projeto do “Sistema Municipal de Arquivos” e no Arquivo do Estado de São Paulo, onde trabalhou com o Fundo Júlio Prestes, participando de reuniões em que pôde acompanhar as discussões sobre aspectos da teoria arquivística europeia e americana, vindo a conhecer os projetos da criação do Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo e do município de Rio Claro.

Já no Rio de Janeiro, Neire Rossio visitou a “Fundação Casa de Rui Barbosa” e o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Foi nessa época que ela passou a coordenar a Divisão de Documentação do Centro de Informação e Difusão Cultural da Unicamp, que mais tarde deu origem ao Arquivo Central do Sistema de Arquivos daquela universidade. Em posse dos documentos de Sérgio, a opção da equipe do Arquivo foi de estabelecer um programa descritivo levando em conta item a item documental, com a finalidade de elaborar um inventário.

Resultante de um denso processo de descrição, o inventário reúne verbetes e informações que levam o pesquisador a percorrer o acervo de documentos “produzido e reunido por Sérgio Buarque durante sua vida e por aqueles que se dedicaram a reler a sua obra”. Disposto desde 1991 a pesquisadores e publicado pela primeira vez em 1995 na rede de dados da Unicamp, esse documento permaneceu em construção durante muitos anos e contou com a colaboração de pesquisadores do próprio acervo, que se dispuseram a revisar verbetes, e da família que vez ou outra foi procurada para ajudar a identificar pessoas e a contextualizar fatos.¹⁹

O inventário, esse importante instrumento de consulta por meio do qual o pesquisador tem acesso à descrição das unidades documentais do fundo, é importante porque pode revelar a “biografia do arquivo”, numa perspectiva em que ele se transforma em objeto. Em outra acepção, o inventário constitui um tipo de narrativa biográfica sobre o titular, à medida que ele opera um encadeamento dos fragmentos que registram a sua trajetória, dotando-a de uma inteligibilidade específica, induzindo o olhar ou os rumos da pesquisa histórica. Há ainda a possibilidade de entendimento do inventário como a história da construção do conjunto documental considerado, o “arquivo” de uma entidade, seja pessoal seja institucional (CUNHA, 2005).

A esse respeito, alguns autores vêm chamando a atenção para o “mito da neutralidade” do trabalho arquivístico, propondo que a subjetividade de que se revestem essas intervenções contribua para uma crítica dos arquivos e, conseqüentemente, para a abertura de um debate sobre conceitos como “fonte”, “prova” e “autoria” nas pesquisas baseadas em documentos históricos. Isso porque, ao conferir historicidade ao arquivo-fonte, revelando o caminho seguido no seu tratamento, o arquivista assume sua condição de agente do processo de construção da memória, fornecendo elementos que podem orientar de forma diferenciada o acesso do pesquisador aos documentos. Essa postura crítica só recentemente vem ganhando espaço nos meios acadêmicos, uma vez que os estudos sobre arquivos pessoais, pensados na perspectiva de objetos, ainda são em número escasso no país.

Os poucos investimentos nessa direção apontam para o processo de constituição do conjunto documental pelo titular e seus herdeiros, examinando os esforços para projetar na documentação a imagem que gostariam de ver preservada por meio do arquivo, mais do que os efeitos do tratamento arquivístico na imagem projetada pela fonte documental com relação à trajetória do seu titular. Essa falta reflete a “invisibilidade” da interferência do arquivista nesse processo, que é alimentada, por sua vez, pelo desinteresse do usuário acadêmico pelas atividades associadas à competência “técnica”, o que permite que o aparato por meio do qual ele acessa os documentos se torne “transparente”, levando-o facilmente às armadilhas da “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 1986) propiciadas por esses tipos de arquivo.

Nesse sentido, a custódia do arquivo de Sérgio por uma instituição de pesquisa e pensamento crítico como a universidade não conseguiu neutralizar completamente as demandas e projeções futuras do titular e de seus herdeiros sobre ele. Sobretudo se considerarmos os efeitos desse arquivamento na revitalização de sua obra, vistos na vasta fortuna crítica que se formou e nos muitos inéditos de sua autoria que passaram a veicular no âmbito acadêmico a partir da década de 1990, reforçando do ponto de vista documental o que a memória póstuma já havia esboçado na década anterior.

Por fim, o arquivo em tela é parte da memória material de Sérgio Buarque de Holanda. Dele é que emergiu a memória histórica que o constituiu como personagem, como objeto, como texto, produto de uma operação criteriosa de poder com base na escrita. Essa, que foi durante muito tempo considerada como o rastro mais duradouro deixado pelo homem, uma marca capaz de sobreviver à morte do seu autor e de transmitir uma mensagem (GAGNEBIN, 2002, p. 28). A sua aura de duração, muitas vezes empregada como sinônimo de rastro, continua até hoje imbuindo esses santuários da memória universal, ou nutrindo alguns escritores do sentimento de que deixarão uma marca imortal. Um rastro duradouro nas ulteriores gerações, como se os seus papéis fossem lídimos refúgios contra o esquecimento e o silêncio, contra o desdém da morte.

Não fosse a vontade de memória e o esforço de um dado tempo histórico em constituí-la, quem sabe os rastros deixados por Sérgio não se abeirassem apenas dos restos, dos detritos, da sucata, do lixo, imagem afamada do *chiffonier*, de Baudelaire e, assim, descrita por Walter Benjamin:

Os poetas encontram o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo o seu assunto heroico. Com isso, no tipo ilustre do poeta aparece a cópia de um tipo comum. Trespagam-no os traços do trapeiro que ocupou Baudelaire tão assiduamente. [...] Aqui temos um homem - ele tem de recolher os restos de um dia da capital. Tudo o que a grande cidade jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que quebrou, ele o cataloga,

ele o coleciona. Compila os arquivos da devassidão, o cafarnaum da escória; ele procede a uma separação, a uma escolha inteligente; recolhe, como um avaro, um tesouro, o lixo que, mastigado pela deusa da Indústria, tornar-se-á objeto de utilidade ou de gozo.' Essa descrição é uma única metáfora ampliada do comportamento do poeta segundo o coração de Baudelaire. Trapeiro e poeta – os dejetos dizem respeito a ambos; solitários, ambos realizam seu negócio nas horas em que os burgueses se entregam ao sono; o próprio gesto é o mesmo em ambos. Nadar fala do pas saccadé (passo intermitente) de Baudelaire; é o passo do poeta que erra pela cidade procurando a presa de rimas; deve ser também o passo ao trapeiro que, a todo instante, se detém no seu caminho para recolher o lixo em que tropeça. (BENJAMIN, 1989, p. 78-79).

Embora remeta à modernidade a imagem do trapeiro que explica a do poeta, já que ambos buscam na rua e no lixo os seus temas de sobrevivência e de arte, evoca situações que se assemelham hoje, de modo figurativo, ao trabalho do historiador. O descartável, isto é, restos que não interessam mais ao presente, serão salvos pelos arquivos, criados porque não há mais a memória espontânea. Neles o historiador os recolhe, festeja o descartável, a sucata, os objetos indesejáveis, os trapos, míseros fragmentos de indivíduos ou de grupos.

Solitário, muitas vezes, o historiador procede como lhe impõe seu *mister*. Na montanha de lixo ele cataloga, compila, separa. Como um avaro, vê ganhos naquilo tudo e transforma o descartável em matéria-prima. Dela resultará sua narrativa, não aquela que garantiria a tradição, a continuidade entre gerações, como a de Homero entre os gregos. Antes, uma escritura que será política, autoritária ou de resistência, conforme o gosto, mas que será, no porvir, um campo de disputa da memória.

Por essa perspectiva, pensar no que foi deixado por Sérgio Buarque de Holanda nos remete a interrogar sobre a intencionalidade ou não dos rastros ou traços que deixou o notável escritor. Marcas que remetem a uma tendência frequente das sociedades atuais, qual seja, o ímpeto comemorativo, como nos chamou a atenção Pierre Nora ao afirmar que “nenhum cientista, nenhum escritor, nenhum artista teria a menor possibilidade de salvar-se do radar comemorativo”, tantos eram os aniversários de nascimento e morte que geravam eventos de comemoração.

Ímpeto observado na montagem de um Fundo que garantiu ao titular não apenas um lugar de memória, mas um lugar na história, da historiografia, da crítica literária e na política. Imagem póstuma, cuja gênese encontramos em outros tantos lugares, como nos elogios fúnebres, na fortuna crítica e nos eventos acadêmicos que ainda hoje celebram esse autor. Caso contrário, sem essa vigilância comemorativa, a história depressa o varreria e talvez não nos fosse possível elaborar um dos exercícios centrais desse artigo, o de buscar uma possibilidade de reconstituir as condições de elaboração de uma dada memória.

Recebido em: 19/08/2016**Aprovado em: 28/09/2016****NOTAS**

¹ A autora trabalha com a ideia de “olhar antropológico” sobre os arquivos pessoais, propondo que o investigador desloque a atenção dos documentos para os processos de constituição desses acervos. Por esse ângulo, além dos gestos individuais de seleção e guarda dos registros, devem ser considerados também os contextos nos quais os conjuntos documentais se inserem: contextos sócio-históricos mais amplos, de uma parte, e contextos arquivísticos nos quais são preservados, tratados e disponibilizados, de outro.

² Laurent Vidal (2007, p.6) define o termo “acervo pessoal” como “o conjunto dos documentos produzidos e/ou pertencentes a uma pessoa, um indivíduo, resultados de uma atividade profissional ou cultural específica. [...] O alcance cronológico dos acervos pessoais não ultrapassa a vida do indivíduo que o constituiu”.

³ Aleida Assmann tratou os arquivos como constituintes de uma memória histórica. Para ela, depois que as atividades de recolhimento e conservação foram consideradas primeiramente como as mais importantes do arquivo, a partir do século XIX os arquivistas tiveram também que limpar o arquivo e descartar itens dele, atividades não menos importantes que as anteriores. Para a “cassação”, jargão que denomina a destruição de acervos de arquivos, existem em cada época determinados princípios de segregação e medidas de valor que não são necessariamente compartilhados pelas gerações posteriores. O que é lixo para uma geração pode ser informação preciosa para outra e, por isso, os arquivos não são apenas locais para armazenamento de informação; são igualmente locais para as lacunas de informações que não resgatam somente as perdas em catástrofes e em guerras, mas também resgatam, de maneira essencial e estruturalmente indispensável, uma “cassação” equivocada, sob o ponto de vista dos pósteros.

⁴ Ponto importante a ser considerado é o fato de que nem todo gesto de arquivamento pode ser associado a uma vontade de memória ou a um testemunho.

⁵ Não por acaso que Chico Buarque abre seu último romance, “O irmão alemão”, descrevendo uma carta encontrada pelo personagem principal dentro do livro “O Ramo de Ouro”, pertencente ao seu pai e que depois de manuseado deveria ser guardado exatamente como ele o havia deixado em alguma prateleira da sua enorme biblioteca.

⁶ Questões dessa ordem foram formuladas por Philippe Artières ao tratar de certas práticas de autoarquivamento. Para esse historiador, mais do que a natureza dos arquivos pessoais e as práticas que lhes dão origem, o importante seria cotejar os modos de fabricação desses arquivos, ou seja, buscam-se os gestos que podem transformar as práticas comuns em pequenos altares singulares ou as experiências desse autoarquivamento numa obra de arte.

⁷ Parte delas foi publicada no livro intitulado *Sérgio Buarque de Holanda: encontros*. Na época publiquei uma resenha da obra na Revista “História da Historiografia”, da UFOP, em que exponho o seguinte: “O livro conta com uma apresentação, dezesseis entrevistas e uma cronologia ao final do volume. De formato pequeno e bem acabado, ele sugere um passeio pela vida do intelectual. Desse modo, o tempo de leitura [...] voa como uma boa conversa de amigos em um bar, também porque algumas das entrevistas levantadas por Martins possuem essa informalidade. Da juventude modernista à maturidade serena, é o “pai do Chico” quem conta sua vida, explica, esclarece dúvidas e as expõem também ao leitor [...]. Vale ressaltar ainda que as entrevistas apresentadas nesta obra compõem apenas um pequeno fragmento do que há no acervo do homenageado, aberto para consulta no Arquivo Central da Unicamp. Dos dezesseis depoimentos apresentados, apenas oito coincidem com os trinta e dois que formam a Sub-série: entrevistas, da Série Vida Pessoal, que inclui ainda centenas de fotografias de Sérgio Buarque, com familiares e diversos intelectuais. Quanto ao texto de apresentação de Renato Martins, nada traz de novo. Sua leitura de Sérgio Buarque em nada difere das de seus mais ilustres comentadores. Aqui, mais uma vez, a linha do tempo que liga o jovem modernista ao membro fundador do Partido dos Trabalhadores é seguida à risca, ficando as nuances de uma leitura a contrapelo, ou da busca de uma “política da boa memória”, a cargo de quem quiser se aventurar nesses encontros. Disponível em: <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/357/255>

⁸ A “União Brasileira de Escritores” (UBE) foi criada em 17 de janeiro 1958, resultando da fusão da Sociedade Paulista de Escritores com a Associação Brasileira de Escritores (ABDE). Esta última teve como participantes, além do próprio Sérgio Buarque, figuras importantes de sua amizade, como Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Antonio Candido, Paulo Duarte, entre outros.

⁹ Catálogo do Fundo Sérgio Buarque de Holanda. Arquivo Central-SIARQ, Unicamp. Série Vida Pessoal, sub-série Entrevistas. Campinas, maio de 2002. O grande número de entrevistas que o historiador concedeu, entre 1976 e 1982, se insere muito mais num momento de abertura política e numa tentativa de inscrever-se à posteridade, do que numa “postura militante propriamente dita”, como insinua de maneira tendenciosa o historiador Marcos Costa, no intuito de colar Sérgio à imagem da esquerda combativa do país. Segundo ele, “[...] só a partir dos anos 1970 que essa tendência até então pouco recessiva na personalidade de Sérgio Buarque de Holanda ganha predominância. Na última fase de sua vida, diante do conservadorismo obscurantista que havia se abatido sobre a sociedade brasileira, Sérgio Buarque de Holanda se torna um militante propriamente dito e demonstra isso de diversas maneiras, entre elas por meio das entrevistas que concedeu criticando o regime em seu pleno período mais sombrio a partir da vigência do AI-5”. COSTA, Marcos. *Biografia Histórica: a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre os anos de 1930 e 1980*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007. p. 168.

¹⁰ Correspondência passiva, Cp 220, Arquivo Central Unicamp, Fundo Sérgio Buarque de Holanda.

¹¹ No inventário do Fundo Sérgio Buarque de Holanda, Série Correspondências, são indicados um total de 379 cartas. Dessas, apenas 11 são cópias de cartas enviadas pelo titular. Na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, localizam-se outras seis cartas enviadas por Sérgio entre 1929 e 1954, coincidentemente, períodos importantes de sua formação intelectual, que remetem às experiências alemã e italiana. Outras tantas devem estar na guarda de parentes ou de amigos próximos, não sendo possível localizá-las.

¹² Luís da Câmara Cascudo, Cp 121, Arquivo Central Unicamp, Fundo Sérgio Buarque de Holanda.

¹³ Anotações com sugestões de Maria Amélia Buarque: trechos selecionados de cartas de artistas e acadêmicos enviadas a SBH e entrevistas sobre ele para composição da IV Semana Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo, 1985. Hp 167, Fundo Sérgio Buarque de Holanda, Arquivo Central Unicamp.

¹⁴ Nos agradecimentos podemos ler: “À família Buarque de Holanda, em especial a Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda e a Cecília Buarque de Holanda, que gentilmente cederam por empréstimo a maior parte dos documentos”.

¹⁵ O livro é dividido em três partes: a primeira, com introdução de Barbosa, contém textos de Sérgio de sua “fase modernista”, entre eles os famosos “Originalidade Literária” e “O lado oposto e outros lados”; a segunda parte é apresentada por Antonio Candido que reedita um texto seu já publicado, “Sérgio em Berlim e depois” e praticamente imprime o caderno que foi organizado por Cecília, que apresenta a famosa entrevista “Thomas Mann e o Brasil”; por fim, a última parte tem a apresentação de Manuel Bandeira.

¹⁶ Entrevista com Edgar de Decca. *Jornal da Unicamp*, Edição 232, 5 a 12 de outubro de 2003. Durante a entrevista, De Decca chegou a mencionar que a publicação do texto estava sendo negociada com a família, todavia, o trabalho continua inédito e pouco conhecido mesmo dentro do ambiente acadêmico.

¹⁷ Em suma, esse escrito escondido no arquivo é a peça que falta naquilo que foi indicado por De Decca como dois projetos complementares feitos por Sérgio: um de compreensão das origens, visto nas três obras – “Raízes”, “Elementos Formadores” e “Visão do Paraíso” – e outro de entendimento da constituição do território, “a constituição de uma cultura do adventício. Assim, ‘Caminhos e Fronteiras’ é aquilo que move e aquilo que limita; ‘Monções’ também é algo que te leva; o ‘Extremo Oeste’ é até onde essa fantasia pode se estender. Existe claramente uma unidade”.

¹⁸ Essa expressão é utilizada por meio de uma livre apropriação da ideia original do autor.

¹⁹ Catálogo do Fundo Sérgio Buarque de Holanda, Arquivo Central do Sistema de Arquivos, Área de Arquivo Permanente, Campinas, março de 2013.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (org.). *Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

BENJAMIN, Walter. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. Capítulo “A Modernidade”. In: _____. *Obras Escolhidas III*. Tradução (modificada) de José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 62-63, juin 1986. pp. 69-72.

BUARQUE, Chico. *O Irmão Alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CUNHA, Olívia. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 7-32, jul-dez. 2005.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. *Revista Pro-Posições*, v. 13, n. 3 (39), set-dez. 2002.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: _____. (Org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

_____. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2012.

_____. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: LACERDA, Aline Lopes de. A imagem nos arquivos. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (Orgs.). *Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINKY, Karla Bessanezi; LUCA, Tânia Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Neire Rossio. *Memória universitária: o Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas (1980-1995)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MARTINS, Renato (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

MONTEIRO, Pedro Meira. *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*. São Paulo: Companhia das Letras; EdUSP; IEB, 2012.

MORAES, Marcos Antônio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EdUSP; FAPESP, 2007.

NICODEMO, Thiago Lima. *Urdidura do vivido: Visão do Paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*. São Paulo: EdUSP, 2008.

PALMEIRA, Miguel S. Arquivos pessoais e história da história: a propósito dos Finley Papers. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (Orgs.). *Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

PIOVESAN, Greyce Kely. *Prezado doutor, querido amigo, caro memorialista: a sociabilidade intelectual nas cartas para Pedro Nava*. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da Vida Privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

VIDAL, Laurent. Acervos pessoais e memória coletiva. *Patrimônio e Memória* (Unesp), v. 3, n. 1, jul. 2007.

WAQUET, Françoise. *Os filhos de Sócrates*. Filiação intelectual e transmissão do saber do século XVII ao XXI. Tradução Marcelo Rouanet. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

WEGNER, Robert. Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy. *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas/SP; Rio de Janeiro: Editora da Unicamp/EdUERJ, 2008.